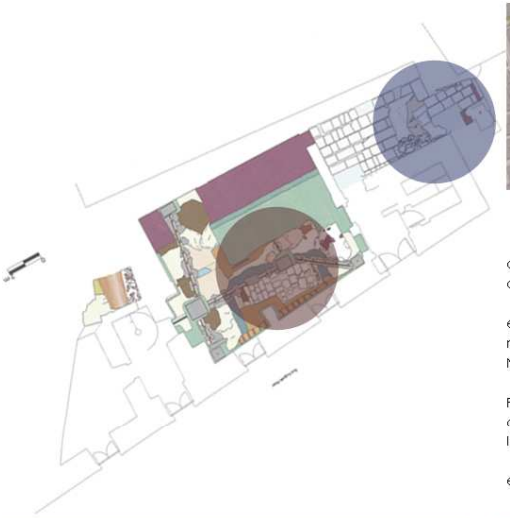
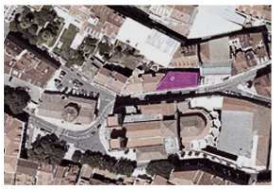
Edifício da antiga prisão do Aljube, Lisboa

- Dois contextos medievais





Clementino Amaro
José Pedro Henriques
Sara Simões
Vanessa Filipe

A intervenção arqueológica na antiga prisão do Aljube veio reforçar a realidade, já consensual, de mais um sítio, do esteiro da Baixa à colina do Castelo, onde se registam vestígios e memórias das diferentes etapas urbanísticas que vão dos precoces contactos mercantis com o Mediterrâneo Oriental até às actuais cicatrizes urbanas, que resultaram do pós – Terramoto de 1755.

Os trabalhos decorreram entre Outubro de 2004 e Maio de 2005 e inseriram-se no projecto de arquitectura para a remodelação do piso térreo e cave do então Instituto de Reinserção Social do Ministério da Justiça. No entretanto, o edifício passou, em momento certo, para a posse do Município de Lisboa e aí decorreu em 2011 a exposição "Aljube, a Voz das Vítimas", inserida nas comemorações do centenário da República e "marcando" os 48 anos de resistência ao Estado Novo.

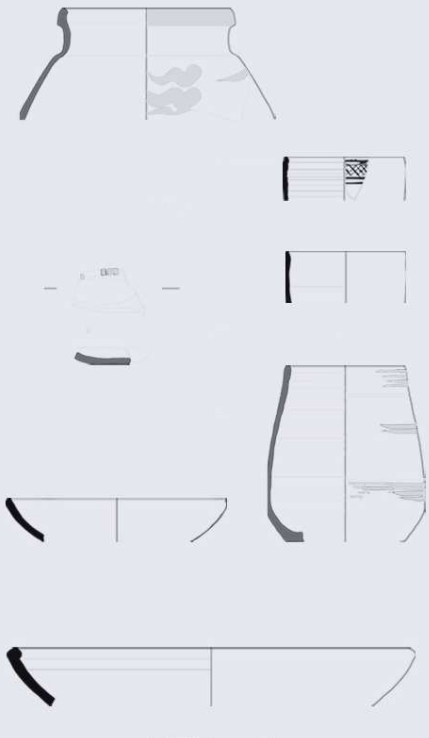
O sítio do Aljube acompanhou o plano de renovação urbanística de Olisipo encetada na época de Augusto, a partir de evidências da segunda Idade do Ferro e do período Republicano, com a construção do vizinho teatro e da zona residencial identificada no claustro da Sé. Aqui subsiste um compartimento, de construção enquadrável no século I d.C., e materiais com um arco cronológico compreendido entre a primeira metade do século I e segunda metade do século IV.

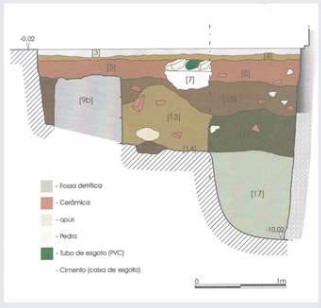
Os dois núcleos romanos do Aljube foram entulhados na segunda metade, ou mesmo finais do século IV, momento de significativas transformações urbanas, em resultado, em parte, da construção da muralha da cidade.

Contexto Medieval Muçulmano

Tanto no Aljube, como noutros contextos islâmicos de Lisboa, o espólio está em muitos casos associado a silos/fossas. O primeiro contexto medieval resulta da abertura de um silo ovalado no interior de um compartimento romano que, na sua fase de abandono, terá funcionado como fossa detrítica.

As loiças de mesa e de cozinha, como também um candil aí exumados, integram-se no conjunto de cerâmicas pintadas a branco e com paralelos formais em diversos contextos de Lisboa, com cronologia da segunda metade do século XI e 1ª metade do século XII.





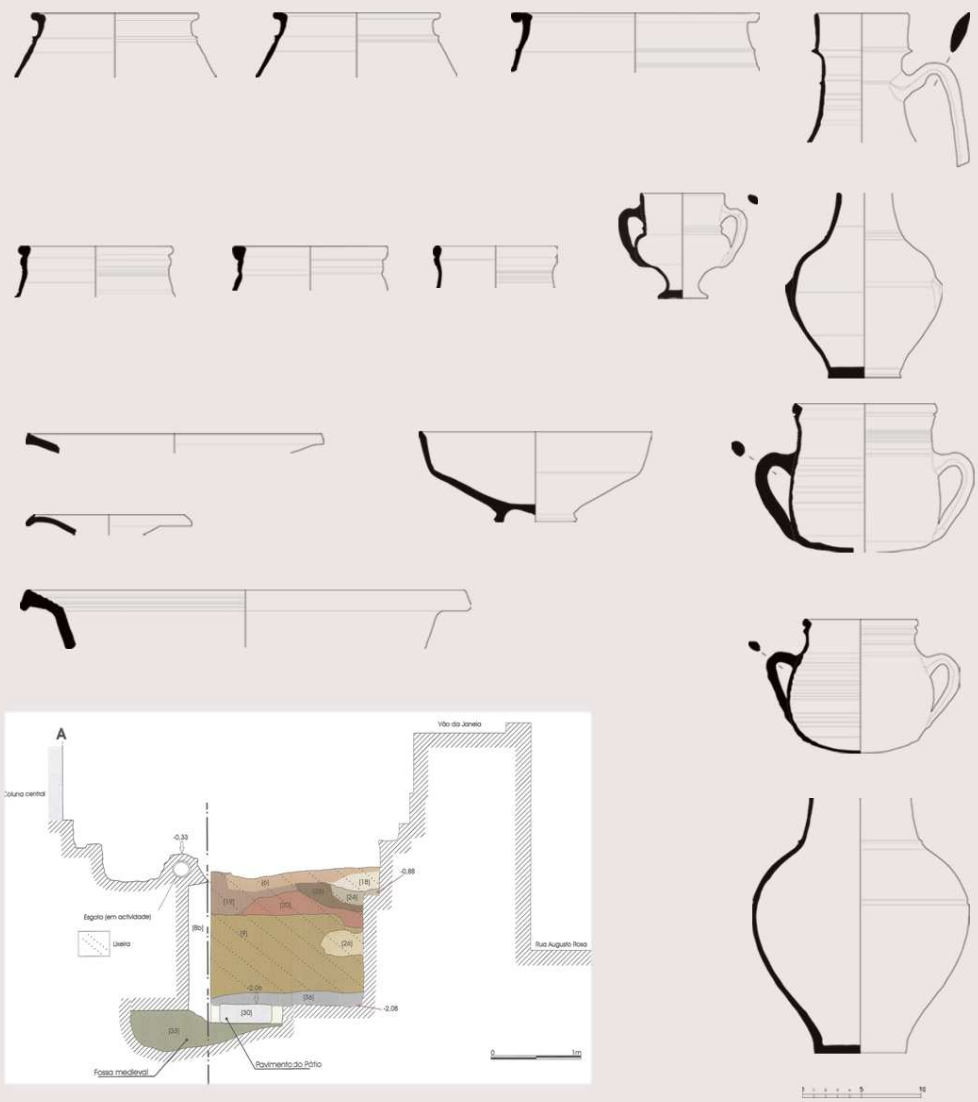
Contexto Medieval Cristão

Após a tomada de Lisboa aos Mouros, dirigida por D. Afonso Henriques, em 1147, com o apoio dos cruzados, o Aljube vai ser utilizado como prisão, função talvez herdada da época islâmica.

A partir de certa altura, ainda não determinada, passa a funcionar como cadeia episcopal, fixando-se a designação de «Aljube», idêntica à aplicada a outros cárceres eclesiásticos do país e, mais tarde, das colónias. O termo surge também na Península Ibérica, por evolução semântica, com o sentido de "masmorra".

O Aljube encontrava-se então separado da Sé por uma rua estreita, inserindo-se no traçado labiríntico da Lisboa medieval.

O segundo contexto medieval foi identificado numa sondagem realizada sob as lajes de um sagão (selado em finais do século XVI, na sequencia de um presumível surto de peste) e onde foi identificada uma fossa, aberta no substrato rochoso e, em parte, atingida pela construção deste espaço aberto. Aqui foram recolhidos objectos atribuídos aos séculos XIII/1ª metade do século XIV, nomeadamente loiça de cozinha e de ir à mesa, como panelas, copos de duas asas, bilhas, taças carenadas, testos e um alguidar. Associados, foram ainda recolhidos restos alimentares.



Bibliografia

AMARO, Clementino. (2001) - Presença muçulmana no Claustro da Sé Catedral - vidros comuns com cerâmica islâmica In Gaia Sínteses Islâmicas do Sul Peninsular. Lisboa/Mértola: IPPAR/Câmara de Extremadura. p.p. 65-197.
BUGALHÃO, Joaquina; GOMES, Ana Sofia; SOUSA, Maria João. (2003) - Vestígios de produção oleira islâmica no núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Lisboa In Arqueologia Medieval. nº 9. Porto: Edições Afrontamento. p.p. 129-191.
FERNANDES, Isabel Cristina. (2004) - O Castelo de Palmela – do islâmico ao cristão. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela.
GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; GUERRA, Sandra; CALÉ, Henrique; RIBEIRO, Susana; PINTO, Paula; VALONGO, Amélia; PIMENTA, João. (2005) – Cerâmicas medievais de Lisboa – continuidades e rupturas. In Muçulmanos e Cristãos em torno do Tejo e do Douro – (Séculos VIII a XIII). Palmela: Câmara de Palmela. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p.p. 221-236.
GONÇALVES, A.; TEICHNER, F.; SHERIL, Thomas. (2004) – A change of power y style under D. Sancho II? A coin dated power y sequence from a medieval silo excavated in the cloister of the City Museum of Escola (Alentejo, Portugal). In Arqueologia Medieval nº. 8. Porto: Edições Afrontamento. p.p. 207-251.
ROSAS, F.; PIMENTEL, I. (Coord.Cient.) (2011) – A Voz das Vítimas. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.